

[Texto enviado para os participantes do encontro do dia 18/10/2019, promovido pelo projeto Cinema, Sujeitos e Territórios.]

Olá, queridxs

Saudades de muitos, compreendemos cada motivo de afastamento e ficamos felizes com os que conseguem acompanhar aqui pelos e-mails, mas nada substitui a presença, certo? Se puderem venham fazer uma visita a um dos nossos próximos encontros :)

...

No último encontro assistimos o filme “Pra cima, pra baixo e pros lados: canções de trabalho” (Anushka Meenakshi, Iswar Srikumar Índia, 2017, 85’). Esse filme veio como uma surpresa acidental. Havíamos nos programado para ver esse filme em outro momento, mas dificuldades técnicas nos levaram a assistir na última sexta-feira - e ficamos felizes pelo acontecido.

“Pra cima, pra baixo e pros lados” é um filme difícil de se encontrar fora de lugares como esse grupo. Em primeiro lugar porque é indiano e regional, mantendo-se fiel a aldeia de Phek, em Nagaland, de forma que são apenas os moradores da região que falam sobre a vida no povoado. Não falam para a câmera, conversam uns com os outros. A história do povo é registrada de forma a resistir contra um apagamento da cultura e fortalecer a luta pela independência. Assim, o filme nos provoca a reforçar alguns valores esquecidos na cultura ocidental, principalmente a união nos campos de trabalho. Cada curto canto apresentado possui divisões claras de vozes e versos, mas reflete uma só canção. Em uma das cenas, um morador relata que certa vez foi o canto que lhe trouxe reconhecimento dentre um grupo de pessoas, assim, percebemos que esta é uma marca do sujeito dentro do coletivo: quem é dali, canta, quem não canta não pertence.

Tendo em mente esse envolvimento coletivo, seria impensável que os registros orais sobre a comunidade fossem feitos solitariamente ou apenas voltado para câmera. Pensamos que a câmera e a equipe de filmagem, por mais que com todo o trabalho de negociação preexistente à própria filmagem, está ali para apenas registrá-los e não interferir em seus pensamentos e ações - como se ter uma equipe de filmagem em meio um vilarejo na fronteira da Índia e Mianmar já não fosse interferência o bastante. Entra então o segundo motivo pelo qual o filme não está em todos os lugares: a forma de representação escolhida. Por mais que não tenha nenhuma intervenção direta no filme - não escutamos a voz da direção, não vemos ninguém da equipe, o documentário não se desmarcara como parte do vilarejo ou da construção narrativa do filme -, as propostas são muito claras através da montagem e construção do tempo nas cenas. Dado um momento do filme, nos percebemos parados assistindo um plano fixo em uma das descidas de colheita de arroz por quase 10 minutos. Nele, não acontece muito de espetacular. São homens cantando e arando a terra, indo da direita para a esquerda do quadro, sem muitas interrupções. Por quase 10 minutos. O que importa nesse plano?

O filme não só constrói o cotidiano e a passagem de tempo por meio desses planos mais longos, mas também pela relação de montagem entre as vozes que conversam em grupos de amigos e trabalhos, e pelas imagens da produção de arroz em detalhes. Seja a água correndo, as mãos que separam as palhas, as ervas colhidas, a grama ceifada, os insetos pairando ou as crianças na árvore, cada detalhe descolado da fala nos força a criar uma relação mental entre o visto e o ouvido provocando em cada espectador uma ideia de realidade, mostrada quase inteira pelos relatos, mas fragmentada pela imagem e pelos sons ambientes. Cabe ao espectador, preencher as lacunas pelo o que ele ouve e vê para estar no tempo do filme.

...

Nos vemos no próximo encontro, 25/10 às 14h30, no IACS na sala C100.

Também estaremos terça, 29/10, na Biblioteca Parque de Niterói, às 14:30.

Venham todos e chamem amigos!